



## DESCONSTRUÇÕES ENTRE O ESTÉTICO E OS PADRÕES SOCIAIS NO ROMANCE “CRÔNICA DA CASA ASSASSINADA”: ANÁLISE DO PERSONAGEM TIMÓTEO

Fernanda Santos de Oliveira<sup>1</sup>  
Flávia dos Santos Nascimento<sup>2</sup>  
Maria José Camargo de Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo buscou analisar o romance “Crônica da Casa Assassinada” de Lúcio Cardoso, sob perspectiva psicanalítica, a partir do personagem “Timóteo”, verificando como era visto por seus familiares e pelos moradores da cidade de Vila Velha, além de discutir como ele se percebia e como reagia à visão que os familiares tinham a seu respeito. Este estudo é relevante por fazer refletir sobre os paradigmas e as construções estéticas da época e o rompimento das mesmas por meio da diversidade e excentricidade, exploradas por meio de Timóteo. A partir da trama, pode-se inferir que a personagem desestabiliza a família Meneses e desconstrói a imagem tradicionalista que tentavam preservar. Timóteo vive sua homossexualidade à sombra de sua família, pois é incapaz de romper com as regras impostas por seus irmãos e pela sociedade.

**Palavras-chave:** Homossexualidade, Literatura, Relações Familiares, Travestismo.

Em 1959, o romancista brasileiro, Lúcio Cardoso (1912-1968) lançou sua obra prima, a “Crônica da Casa Assassinada” (CCA, 1959). Neste romance o autor descreve temáticas de teor psicológico, que permeiam as personagens centrais possibilitando assim, material abundante para a análise de patologias estudadas pela psicanálise. Construindo um enredo acerca das relações familiares, Lúcio inaugura um cenário que assusta e incomoda a sociedade daquela época, gera espanto e permanece intrigando o leitor até a contemporaneidade, escancarando temas polêmicos e tabus. A narração das relações incestuosas, tentativas de homicídio e suicídio, conflitos intrapsíquicos,

---

<sup>1</sup>Graduanda em Enfermagem pela Universidade Tiradentes-Unit.  
fernandasantosunit@yahoo.com.br

<sup>2</sup>Graduanda em Psicologia pela Universidade Tiradentes-Unit.  
flaviasantosnascimento@yahoo.com.br.

<sup>3</sup>Prof<sup>a</sup> Msc do Curso de Psicologia da Universidade Tiradentes-Unit. majocarvalho@uol.com.br

narcisismo e as relações de poder envolvidas na trama, marcam uma obra que desafia e propõe ao leitor a reflexão sobre temáticas recalcadas pelo nosso sistema inconsciente, fornecendo um acervo de informações para a construção de pesquisas que colaborem para a compreensão do ser humano e para o desenvolvimento científico.

“Curiosa perspectiva aberta sobre o tempo, a daquelas coisas vindas do passado e que, sendo presente ainda, para mim já desenhavam o fulcro do futuro. Na obscuridade, palpitavam de uma secreta vida íntima. E eu me sentia enredado naquela trama sem eco, sem ter meios para imaginar que partisse deles a imposição daquele sentimento.” (CARDOSO, 2000, p. 337).

A obra “Crônica da Casa Assassinada” apresenta em seu eixo central a relação incestuosa, que é praticada na Chácara da família Meneses, entre a personagem Nina e seu filho André. Além disso, também são essenciais as relações humanas e os conflitos travados entre as pessoas que transitam, ao longo do romance, entre a realidade e a fantasia. De acordo com Fenichel (2000) as ‘personalidades neuróticas’, tais como personagens da obra em questão, são aquelas que se apresentam transtornadas, não apenas por um ou outro evento que interrompa, mas, sim, francamente dilacerada ou deformada e, tão envolvidas na doença que personalidade e sintoma se mostram enredadas.

Embora Nina assuma um papel de destaque dentro da obra, sem dúvida uma das personagens mais fascinantes e intrigantes da trama é Timóteo, um travesti que passou a maior parte de sua vida trancado em seu quarto, e que desafia os padrões morais da sociedade e da família Meneses, uma figura autêntica e conflituosa.

É visando a complexidade que compõe esta personagem, que propomos uma análise da mesma, observando a sua estética e as reações decorrentes de ser um homossexual e travesti em uma família conservadora e tradicionalista do interior de Minas Gerais.

## TIMÓTEO: A FIGURA NEURÓTICA DO HERÓI

Timóteo era o filho mais novo da atual geração da família Meneses. Em sua juventude levava uma vida boêmia, desgarrada, sempre cercado de amigos. Porém, em nada agradava o seu estilo de vida aos seus irmãos. Apresentava o que seu irmão Demétrio, chamava de “suas tendências”: era um homossexual que se travestia, com um

modo perverso de ser, de acordo com o que a maioria das pessoas, incluindo seus familiares, pensavam. Garcia (2001), discute acerca do travestismo:

[...] o travesti sabe muito bem do que lhe impõe a realidade; reconhece-a, mas, ao mesmo tempo, recusa-a, fazendo seu desejo conduzi-lo à burla dos limites da castração. Seguindo a linha lógica desse raciocínio, teríamos de concluir que, para o travesti, nada além do que Freud descreveu como perversão caber-lhe-ia como enquadre nosográfico. (GARCIA, 2001, p. 79).

Despertava além de repúdio, a curiosidade de todos os moradores de Vila Velha. Incomodado, envergonhado e furioso com o irmão mais velho após uma briga, na qual Timóteo atingiu o maior ponto fraco do irmão, a ida do Barão à chácara, afirmando que isto jamais ocorreria. Este acontecimento Demétrio ansiava patologicamente, como se tudo em sua vida, até seu desfecho dependesse desse fato fundamental, Demétrio o chantageou, dizendo que se ele não abandonasse os seus “hábitos”, o privaria da herança de sua mãe e o internaria em um manicômio. Não se conformando em perder a herança, e tampouco disposto e capaz de abandonar a essência do que era, Timóteo resolveu se trancar em seu quarto, onde não era mais visto por ninguém.

[...] Antes, muito antes que a música da paixão soprasse em mim seus loucos foles de ouro, já eu renunciara à minha figuração decente, e desafiaria os homens com a imagem daquilo que, ai de mim, não podia aceitar sem desprezar-me. E eu sou desses que não sabem viver sem exaltação: foi consciente que eu me degradei, porque, sentindo-me menor do que os outros, era pelo caminho do martírio que conseguiria elevar-me acima deles, e tornar-me maior do que todos. Nina, dia houve em que o martírio de nada adiantou, e as roupas grotescas com que me cingi, menos do que um acinte aos outros, pareceram-me armaduras de chumbo e de morte. (CARDOSO, 2000, p. 481).

Demétrio, o primogênito dos Meneses, representava a figura paterna castradora. Imerso em moralismos, era responsável por manter as aparências da família, embora todos soubessem a ruína que desolava os Meneses. Ele vivia à espera do Barão, visitante que só aparecera na chácara no momento mais imprevisto: no velório de Nina. Demétrio, em sua vaidade, buscava apenas o próprio interesse, e em sua busca por manter a “boa aparência”, era sempre impiedoso e egocêntrico. Porém, apesar das características descritas, Demétrio era nada mais do que um ser impotente, castrado, que projetava em sua família a sua desgraça.

Timóteo viveu enjaulado em seu próprio quarto, com a companhia apenas das velhas roupas e joias de sua falecida mãe. Não via o mundo, observava apenas o que se

passava no quarto de Nina que ficava em frente ao dele, e acompanhou todo o romance que ela vivenciou com o jardineiro da chácara.

Era um ser embebido em um enorme descomedimento, atraído pelo desejo de enfrentar o mundo, porém frustrado pela sua própria vaidade. Suas roupas extravagantes, suas joias ofuscantes, seu perfume tão intenso que sufocava, e sua maquiagem exagerada, composta por cores fortes, travestiam a figura de um homem que não se reconhecia em gravatas apertadas, e nem em uma sociedade que banalizava o que divergia dos padrões impostos. Era grandioso e excessivo, trajava uma veste colorida e aparentemente alegre, que na verdade escondia a fragilidade de um ser abandonado pelo acaso, e amedrontado pelo destino solitário.

[...] houve tempo em que achei que devia seguir o caminho de todo mundo. Era criminoso, era insensato seguir uma lei própria. A lei era um domínio comum a que não podíamos nos subtrair. Apertava-me em gravatas, exercitava-me em conversas banais, imaginava-me igual aos outros. Até o dia em que senti que não me era possível continuar: por que seguir leis comuns se eu não era comum, por que fingir-me igual aos outros, se era totalmente diferente? Ah, Betty, não veja em mim, nas roupas, senão uma alegoria: quero erguer para os outros uma imagem da coragem que não tive. Passeio-me tal como quero, ataviado e livre, mas aí de mim, é dentro de uma jaula que faço. É esta a única liberdade que possuímos integral: a de sermos monstros para nós mesmos. (CARDOSO, 2000, p. 55-56)

Timóteo era um sonhador, que em alguns momentos relembrava a figura mítica de Maria Sinhá: uma mulher que admirava pela sua enorme coragem. Era uma ancestral da família Meneses que vestia-se de homem e cavalgava pela chácara, livremente, sem nenhuma preocupação. Ela representava para Timóteo uma verdadeira heroína, liberta de preconceitos e temores, sendo Maria Sinhá sua principal figura identificatória.

Porém, o jovem boêmio fora transformado em um homem gordo aprisionado em sua vaidade, extravagância e descomedimento. Afinal, aí nos deparamos com um ponto consonante em todas as personagens: todas perderam-se em vaidade, e, cada uma à sua maneira, buscava seus próprios interesses e vivia aprisionada em seus mundos fantasistas, sem cor, sem vida, e arruinaram-se nesta ilusão.

Timóteo representava um falso herói, assim como Édipo, cego por sua vaidade, sua muleta psíquica; quer escancarar ao mundo a sua vitória, a sua falsa coragem de rebelar-se, porém aprisiona-se em um quarto, onde perde toda a sua vitalidade e juventude. Mais um típico neurótico tentando ser o reformador do mundo, que converte a sua covardia também em autossuficiência.

Foi apenas após a morte de Nina e durante o seu velório, que Timóteo resolveu sair de seu quarto, não só apenas para cumprir a promessa de levar violetas ao caixão dela, mas também para vingar-se e assassinar finalmente em um ato heroico os Meneses. O fato é que neste momento o herói se revela, porém ainda amedrontado, abandona a sua prisão.

Finalmente eu ia começar a minha marcha, e fora o cadáver de Nina que descerrara as portas da minha prisão. Levantei-me de novo, inquieto, caminhei pelo quarto – ah, nunca me parecerá tão pequeno, tão irrespirável, de paredes tão estreitas. Conhecia cada um dos seus cantos como pedaços de um território amigo – e eis que de repente, a um simples sinal do destino, tornavam-se estrangeiros para mim. Surdo, como quem evoca o nome daquele que acompanha sempre as intenções secretas de vingança e de extermínio, eu repetia – “Meneses, ó Meneses” – e tardava em abrir a porta, mostrar-me, desferir o golpe final que prostraria para sempre o inimigo aos meus pés. Enquanto assim pensava, o sangue começava a circular mais forte em minhas veias – e todo eu, como um dínamo obscuro, trabalhava na composição daquele gesto elaborado através de dias e morna desistência. Passo a passo, como um felino, ia até a porta, abria-a, escutava – e sentia vir, numa onda forte, um perfume de flores murchas e de velas queimadas que desde a sala espalhava-se pela casa toda, e vinha até mim, finalmente, como um quente perfume nupcial. (CARDOSO, 2000, p.468).

Timóteo então parte, ultrapassa a linha que o mantinha preso, e segue em direção a sala, onde os Meneses e toda a sociedade de Vila Velha se encontravam. Desafiara a todos com a sua imagem, especialmente a seu irmão Demétrio, pois lá se encontrava também o tão esperado Barão. Timóteo estava imerso em vingança, uma vingança não apenas pelo confinamento que viveu, mas uma vingança contra a própria existência daquela família, de gestos tão calculistas e egoístas. E assim se cumpre o ato:

Iria. Diante de mim a porta haveria de se abrir, desvendando aquela paisagem que eu próprio me interditera. Não me importava que essa paisagem fosse apenas um plano de ruína e de morte, e que mal ou bem se adaptasse ao meu conhecimento [...] Para a fome desabrida dos seres que me cercavam, abandonaria um punhado de ossos calcinados. Acima do meu triunfo, acima de mim mesmo, até o centro onde aquela morte erigira a minha liberdade, diria: “Meneses, ó Meneses, lembrem-se de que tudo é pó, e tudo passa como pó que é da terra.” Faces, gritos, vinditas e imprecações – que adiantaria tudo isto quando a casa orgulhosa já não existisse? (CARDOSO, 2000, p.468).

O que Timóteo pretende, neste momento, é mostrar que não se importa com a opinião alheia, e muito menos a forma como seria visto; ele é um ser diferente e sabe o que representa, é um travesti e em nada isso o faz sentir-se menor, ele apenas quer escancarar ao mundo sua diversidade; a verdadeira repulsa não deve provir de sua

imagem corporal, de sua roupa, maquiagem ou cabelos longos, e sim dos atos de uma família que viveu a margem de uma falsa máscara moralista e totalmente discrepante e contraditória em relação ao que eles eram de fato: uma família problemática e neurótica imersa em adultérios, incestos e tentativas de homicídio e suicídio. Timóteo ergue a sua estética verdadeira, apesar de também ser um Meneses e ter por tantos anos renunciado à companhia de outros seres humanos, para não perder as regalias que tanto valorizava. Por não ser aceito adaptou-se à reclusão, afastou-se da sociedade e sucumbiu a uma fantasia de que poderia ser o reformador do mundo de dentro de um quarto empoeirado e sombrio. Giddens (1994), discute a convivência com “o outro”, considerando:

Um mundo em que ninguém é ‘forasteiro’, é um mundo em que as tradições preexistentes não podem evitar o contato, não somente com os outros - mas também com muitos - modos de vida alternativos. Justamente por isso, é um mundo em que o ‘outro’ não pode mais ser tratado como inerte. A questão não é somente que o outro ‘responda’, mas que a interrogação mútua seja possível. (p. 119).

Ao retornar ao mundo que há tanto tempo não via, mal reconhecia as figuras que avistava, mas ali o herói carrega a sua bandeira e entrega suas flores à falecida, coloca-se diante de seus irmãos e conclui a sua vingança; as emoções vivenciadas foram tão intensas que não suportou e caiu na sala diante de todos, tendo sofrido um Acidente Vascular Cerebral (AVC), e, mais uma vez, retornou ao seu quarto.

## TIMÓTEO E AS DESCONSTRUÇÕES ESTÉTICAS FAMILIARES E SOCIAIS

A personagem Timóteo simboliza a solidão, o confinamento e a extravagância, para os Meneses e para pequena cidade de Vila Velha. Essa personagem emblemática, prisioneiro dos seus próprios desejos e do seu ‘self’<sup>3</sup>, viveu trancado em seu quarto de forma sombria e grotesca, no qual, elegeu como plano de vingança contra as imposições dos seus irmãos, sem encontrar um rompimento possível frente a eles e a sociedade.

---

<sup>3</sup> ‘Self’ designa uma instância da personalidade no sentido narcísico: uma representação de si por si mesmo, um auto-vestimento libidinal. (Roudinesco, 1998).

Timóteo ao longo dos anos constrói uma aparência bizarra e comovente, às margens da realidade, e trancafiado desfruta de poucos prazeres que ainda permite adentrar em seu esconderijo. Timóteo, cuja figura desperta estranhamento e curiosidade, também esbanja, por meio de suas vestes, uma vaidade excêntrica que marca o personagem.

Não podia deixar de vê-lo sem certa admiração: ali estava gordo, o peito estofado, as lantejoulas rebrilhando na obscuridade. As lantejoulas, seu próprio símbolo: luxuosas e inúteis. Que poder o havia arrastado até aquela posição, de que elementos contraditórios e sarcásticos compusera sua personalidade, para que também explodisse, inesperado e forte, com todas as heranças e ressaibos dos Meneses. (CARDOSO, 2000, p. 55).

Certa vez Betty, a empregada dos Meneses, foi chamada por Timóteo, logo após a volta de Nina sua cunhada, por quem tinha enorme admiração, pois, como ele, Nina enfrentava os Meneses. Havia anos que Betty não o via, e quando entra em seu quarto sua reação é de espanto, pois o que vê já não é mais o Timóteo que conhecera um dia. Já não reconhecia seus traços, sua força, seu ímpeto e sua coragem e tudo que conseguia ver era um homem travestido, demonstrando a sua feminilidade, que vivia submerso num bálsamo de solidão e mágoas, vivendo apenas para satisfazer a soberba necessidade de existir para ferir a imagem dos Meneses. Poli (2007), fala sobre a feminilidade:

Feminilidade corresponderia, assim, à posição de passividade pulsional, ao lado da atividade de cunho masculino. Nesse sentido, homens e mulheres disporiam de ambas as tendências. A libido em si é masculina, escreve Freud. A busca pela satisfação pulsional que a mobiliza só pode ter o caráter de atividade. Mesmo quando se goza da posição passiva – ao se fazer de objeto para um outro – é de uma passividade ativamente produzida que se trata. Nesse sentido, a feminilidade seria uma produção secundária da libido, resultado da flexibilidade no percurso pulsional. (POLI, 2007, p. 32).

A vaidade de Timóteo era mais forte que seu sofrimento, pois preferiu perder sua juventude trancado em seu quarto para não abandonar sua herança; escolheu ferir os Meneses com sua imagem de quem ele realmente era, pois não poderia simplesmente isolar-se e sucumbir aos caprichos dos irmãos, e revelou-se em sua maneira, para que aquela cidade ao que, os Meneses ‘governavam’ soubesse que um de seus integrantes era bizarro e vestia-se como mulher, sendo, para muitos, um ser monstruoso. Betty

descreve detalhadamente a maneira de Timóteo se vestir, seus trejeitos, enfeites e formas.

Ainda daquela vez pude constatar a bizarrice dos costumes que constituíam as leis mais ou menos constantes do seu mundo: ao me aproximar, verifiquei que o Sr. Timóteo, gordo e suado, trajava um vestido de franjas e lantejoulas que pertencera à sua mãe. O corpete descia-lhe excessivamente justo na cintura, e aqui e ali rebentava através da costura um pouco da carne aprisionada, esgarçando a fazenda e tornando o prazer de vestir-se daquele modo uma autêntica espécie de suplício. Movia-se ele com lentidão, meneando todas as suas franjas e abanando-se vigorosamente com um desses leques de madeira de sândalo, o que o envolvia numa enjoativa onda de perfume. Não sei direito o que colocara sobre a cabeça, assemelhava-se mais a um turbante ou a um chapéu sem abas, de onde saíam vigorosas mechas de cabelos alourados. Como era costume seu também, trazia o rosto pintado (...) o que sem dúvida fazia sobressair-lhe o nariz enorme, tão característico da família Meneses. Era esse, aliás, o único traço masculino de sua fisionomia, pois se bem que ainda não tivesse tão gordo quanto ficou mais tarde, já a enxúndia alisava-lhe e amaciava-lhe os traços, deteriorando as saliências, criando golfos e cavando anfractuosidades de massa cor-de-rosa, o que o fazia aparecer com o esplendor de uma boneca enorme, mal trabalhada pelas mãos de um oleiro amolentado pela preguiça. (CARDOSO, 2000, p. 53-54).

Timóteo provocou na família Meneses uma mudança radical, um desmoronamento nas tradições e forte quebra no seu conservadorismo: ele representa tudo que esta família sempre evitou ou escondeu. A família Meneses o encarava como uma afronta a eles e à sociedade, e, por isto, Timóteo virará motivo de chacota e de ridículo para toda cidade; porém tais estranhamentos só reforçavam este comportamento, pois satisfazia-se em expor os Meneses a comicidade social. Timóteo quebra o moralismo dos Meneses e desconstrói sua onipotência frente à sociedade, surgindo no enterro de Nina, sua cunhada, vestido com o seu verdadeiro self, representando o papel de si mesmo que tão poucas vezes pode atuar.

Nem mesmo seus olhos eram fáceis de perceber naquela massa humana tratada pelo descaso e pela preguiça: a enxúndia subia-lhe ao longo das faces, modelando uma máscara tão exótica e tão terrível que mais se assemelhava à fisionomia de um bonzo morto do que à de uma criatura vivente e ainda capaz de pronunciar palavras. Os cabelos, longos, escorriam-lhe pelos ombros, mas não eram cabelos tratados ou que tivessem merecido sequer a pena de um gesto de atenção: eram duas tranças duras, como dois cipós selvagens, contorcendo-se e oscilando ao jogo da rede – duas raízes improvisadas que escapulissessem de um tronco maltratado pelos anos. E, coisa estranha, naquela figura espetacular, que parecia aglomerar em si todo o esforço da inatividade, do ócio e do abandono, havia qualquer coisa marinha, secreta, como se escorresse sobre ele o embate invisível das águas, rolando a esmo a massa amorfa que o compunha, e onde repousava, mortal e silenciosa, a palidez de distantes solidões lunares.” (CARDOSO, 2000, p.474).



De acordo com o ponto de vista de Valdo, seu irmão mais novo, Timóteo é a própria caricatura do mundo, um ser de comédia, terrível e sereno. Valdo acaba por apoiar a atitude de Timóteo, pois o que ocorreu no velório era necessário para “compor a trama de coisas despedaçadas” (p. 475) que fora a sua vida, porém a antiga vida, que acabara de deixar e a nova vida que iniciava com este evento. Timóteo, com sua atitude corajosa e singular, desencadeará sentimentos que os Meneses há muito não provocavam em ninguém, neste sentido Valdo admite: “não tardou muito, e o sentimento que me tomou foi o de euforia, de uma estranha euforia” (p. 475). A presença de Timóteo assemelha-se à de um espectro, porque ainda vivo e já morto, é capaz de “chocar e gelar aquelas pobres vaidades humanas” (p. 475) e fazer aparecer a miséria dos Meneses. A cena de Timóteo desabando, caindo por si mesmo, rodando os calcanhares, é símbolo perfeito da ruína dos Meneses.

Como se uma torre medieval, incrustada de pedras e mosaicos, tremesse de repente em sua base – tremesse lacerada em sua essência e, desvelando seu entulho luxuoso, fulgisse de mil cores como um vitral estilhaçado, e fosse escorrendo colares de ametista, pulseiras de safiras e diamantes, broches de esmeraldas, brincos de ouro e de rubis, pérolas, berilos e opalas, projetando sobre a sala inteira o esplendor de suas pupilas em único minuto vivificadas – para escorrerem depois ao longo do tronco, tremerem ainda num último chispar furtivo, e morrerem afinal, inermes e brutas, sobre o corpo desabado (CARDOSO, 2000, p. 478).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou analisar criticamente o romance “Crônico da Casa Assassinada” de Lúcio Cardoso, e a partir dessa leitura refletir sobre os paradigmas e as construções estéticas da época e o rompimento das mesmas por meio da diversidade e excentricidade, exploradas através da personagem Timóteo. A escolha desta obra se fundamentou através da originalidade da temática trazida por Lúcio Cardoso naquela época, e pela particularidade da sua prosa intrigante, misteriosa e atraente.

Este estudo concentrou-se na personagem Timóteo, um travesti deprimido que vive trancado em seu quarto vestindo roupas velhas, coloridas e excêntricas, para ocupar o vazio da sua vida, causado pelas chantagens dos seus irmãos. É em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais que a família Meneses vivenciou a sua decadência

financeira. A família tenta ocultar da sociedade suas contradições e covardias, os conflitos familiares estão presentes durante toda a narrativa. A onipotência desta família afeta seus integrantes e toda a sociedade, que viveu sob mentiras, traições e intolerância. Juntamente com a ruína financeira veio a ruína moral, quando perceberam a existência do incesto, adultério e transgressões, os personagens conviveram de forma duvidosa, isolados e solitários igualmente o único integrante desta família que optou pela solidão: Timóteo.

Timóteo viveu às sombras desta família, pois este como poucos, viveu com originalidade e espontaneidade, este nosso falso herói, desestabilizou e enfrentou sua família e a sociedade demonstrando sua coragem e excentricidade através da sua imagem, que muitas vezes foi chamada de bizarra. Timóteo desconstruiu o conceito moralista e tradicionalista da sua cidade e mostrou a verdadeira face dos Meneses. Sua estética tão pouco compreendida vinculada a uma forma de vida patológica e sombria, desmitificou os comportamentos padronizados e o regramento social pregado pelos Meneses. Timóteo, da sua maneira, trouxe alívio e coragem; sua paixão pela existência mesmo que sombria, inspirou indivíduos a assumirem seu verdadeiro self. Lúcio Cardoso escreveu uma poesia que pode resumir a essência de Timóteo:

Meu domínio é o do sonho,  
minha alegria é a do céu que a tormenta obscurece,  
meu futuro é aquele que amanhece à luz do desespero.  
Só tu saberás o segredo da minha predestinação.  
Só tu saberás a extensão de tantas caminhadas,  
só tu conhecerás a casa humilde em que morei.  
Quem saberia romper o sortilégio que me cerca,  
ó sol vermelho, aurora dos agonizantes.

Mas não reflitas nunca o gesto que condena.  
Ai, este país é o da eterna aridez!  
Se da altura a estrela não baixar o olhar ao pântano,  
maior será a sua impiedade que o seu esplendor.

E só tu Vésper, só tu aplacarás o meu desejo,  
só tu poderás depositar, nesta carne crispada,  
o beijo que nas trevas dá ao sono a serenidade do repouso.

(CARDOSO, 1944).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, Lúcio. **Crônica da Casa Assassinada**. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CHAUI, Marilena: **Repressão sexual**, Ed Brasiliense, S.P., 1989.
- FREUD, Sigmund. **Obras Completas de Sigmund Freud**. Tradução Imago Editora LTDA. Rio de Janeiro: Imago, 1970.
- GARCIA, J. C. **Problemáticas da Identidade Sexual**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GIDDENS, A. “**A Vida em uma Sociedade Pós-Tradicional**”, in: BECK at all. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**, S.P., Editora UNESP, 1994.
- LAPLANCHE; PONTALIS. **Vocabulário da Psicanálise**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- POLI, Maria Cristina. **Feminino/Masculino**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- ROUDINESCO, E.: **Dicionário de Psicanálise**, Ed J. Zahar, R.J., 1998.
- STRAUB, Richard O.: **Psicologia da Saúde**, Ed Artmed, S.P.,2005
- ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: Teoria, Técnica, e clínica uma abordagem didática**. Porto Alegre: ArtMed,1999